
O CAMPEÃO: UM PROTÓTIPO DO TIPO IDEAL XINGUANO

Sérgio Corrêa Tavares

Resumo

O objeto deste trabalho foi o estudo da reclusão pubertária em jovens Kamayurá no Alto Xingu – Mato Grosso. Foram utilizados procedimentos etnográficos para o levantamento das informações sobre o assunto. Os indicadores do início da reclusão no caso feminino, logo após a menarca, e no masculino foram: escurecimento da pele, sinais de virilidade, crescimento dos genitais e interesse sexual. A reclusão pubertária representa um momento de transformação, através da utilização de eméticos, visando a incorporação e excorporação de fluidos corporais, com suas restrições e prescrições vinculadas ao sexo e alimentação. Este momento representa uma época de aprendizado prático, motor e psicológico, para a construção da pessoa e do indivíduo, buscando a perfeição no tipo ideal Kamayurá.

Palavras-Chave

Atividade corporal, Reclusão pubertária, Índios Kamayurá.

Abstract

The goal of this research is to study the puberty seclusion of youngsters of the Kamayurá tribe in the Alto Xingu – Mato Grosso. The ethnographical procedure was used to collect the information from the indian. The results from this study showed that the signal for entering the seclusion period for women was the menarche. For the men the indicators were: darkening of the skin, signs of virility, size of the genitals, sexual interest and change of behavior. The seclusion represents a period of transformation, which is symbolized by various rituals: they use bitter medicine to provoke vomits, scarification, restrictions and prescriptions related to sex and food consumption. The time of seclusion is a period of learning of practical skill, motor activities and psychological training. The goal is to reach the ideal type of Kamayurá.

Key-Words

Corporal activity, Puberty seclusion, Kamayurá indian

INTRODUÇÃO

O Alto Xingu situa-se numa porção territorial do Brasil Central, no Estado do Mato Grosso, onde numa área de aproximadamente 22.000 Km, estão distribuídas 17 aldeias de grupos indígenas brasileiros, representantes dos quatro grandes troncos lingüísticos, que são: Aruák, Caribe, Tupi, Jê; e ainda, uma língua isolada, falada pelos componentes do grupo Trumai.

Apesar da diversidade lingüística exercitada naquela área indígena, podemos notar que há, pelos menos aparentemente, uma identificação socio-cultural intensa e bem definida entre aqueles nativos, o que levou a denominá-la de região do Uluri ou Cultura Xinguana (Galvão, 1949). Neste aspecto é facilmente observável que os vários grupos lá residentes partilham de hábitos culturais semelhantes, tais como: o Kwarup, a Reclusão Pubertária, a Amurikumã, dentre outros rituais do calendário cerimonial nativo. Mesmo aqueles grupos indígenas que foram alocados posteriormente no Parque Indígena do Xingu, como é o caso dos Panará, já é possível observar a incorporação de traços da referida Cultura Xinguana, malgrado a constante resistência desse grupo, que tirado de seu habitat natural (as nascentes dos rios Verde e Peixoto de Azevedo), reclamam da não adaptação ao novo território, devido à grande diversidade de costumes encontrados nova região por eles forçosamente habitada.

Avaliar qual dos rituais indígenas é o mais importante, certamente é uma tarefa difícil, visto que cada um deles exige o momento oportuno para a sua elaboração. Contudo, o que podemos argumentar neste sentido é que a Reclusão Pubertária, desempenha um papel importante no universo social e cerimonial nativo, uma vez que age a nível psicológico e físico nos jovens ingressantes nesta fase etária. Este ritual consiste na reclusão imposta pela família nuclear, aos membros mais jovens da comunidade, tanto meninos como meninas, por ocasião da puberdade. Todo o conhecimento e técnicas refinadas deste rito de passagem, são patrimônio dos membros mais velhos do grupo, são essas pessoas as que melhor dominam tal saber. Quando os anciãos notam mudanças de comportamento (interesse e virilidade sexual) nos jovens, estes são colocados sob regime de Reclusão Pubertária.

Levanta-se uma barreira feita com folhas da palmeira Buriti (*Mauritia Vinifera* Mart.) em algum canto no interior da maloca, encerrando neste local o jovem recluso. Durante longo período, que pode durar de meses a anos, os jovens são obrigados por seus familiares a permanecer em seu gabinete de reclusão, todo o tempo necessário para que ocorra a sua transformação de menino(a) para homem ou mulher. A estes, as aparições em público apenas são permitidas em ocasiões muito especiais, principalmente nas grandes

comemorações tribal ou inter-tribal, como é o caso do Kwarup (Agostinho, 1974). Mas, mesmo neste caso, os jovens reclusos devem estar sob a supervisão de algum parente mais velho, que irá dar-lhe proteção caso ocorra um eventual ataque do espírito das coisas - *o mamaé* - dono do remédio (eméticos) que os jovens ingerem durante algum tempo no decorrer da reclusão.

Uma vez na reclusão o jovem recebe cuidados especiais no que se refere a alimentação, saúde e orientações práticas, que lhe serão muito úteis nos seus dias futuros de vida adulta. Ao término da reclusão, na maioria das vezes as meninas casam-se logo em seguida, isto se houver homens disponíveis para o casamento na aldeia, caso contrário continuam vivendo na casa de seus pais, mas agora com o status de mulher adulta. No caso masculino, ao final da reclusão, os jovens assumem as atividades sociais da Aldeia, no sentido de engajar-se nos papéis cerimoniais a que estão destinados. Este é um período de longo aprendizado, mas muito importante para a vida futura, é o tempo em que aprendem a fazer redes, arco-flexas, canoas da casca do jatobá (*Hymenaea courbaril* Lin.) e cerâmicas. É também o tempo em que treinam os fundamentos da caça e da pesca, inclusive a feita com o cipó timbó (*Clitoria cajanifolia* Benth). Neste período os jovens do sexo masculino, recebem treinamento físico e orientação técnica que os deixarão fortes para as atividades quotidianas e para ser um grande campeão de Iutêque ou “Uka-Uka”, luta nacional dos índios do PIX - Parque Indígena do Xingu (Junqueira, 1975).

Os jovens são recolhidos logo que atinjam maturidade, considerada pelos pais indicativa de virilidade. Em contraste com a reclusão das moças, a dos rapazes não é contínua. Sucedem-se períodos de recolhimento durante dois a três meses a outros tantos de liberdade. O local de reclusão é a própria residência, onde se improvisa, a um canto, uma tapagem com esteiras, folhas de palmeiras ou canas de ubá... O primeiro mês de reclusão é especialmente severo: rapazes e moças não podem tomar outro alimento, além de uma mistura de água e massa de mandioca (Kauin). Peixe de qualquer vaidade é proibido. Essas restrições são relaxadas após a primeira lua. Mantém-se, porém, a de o indivíduo não poder ausentar-se do retiro senão à noite, para satisfazer as necessidades... (O período de reclusão) dos rapazes se caracteriza como um período de aprendizado: os pais lhes ensinam a manufatura de artigos como flechas, arcos, pentes, etc. e, também, a técnica do desporto preferido - a luta corporal... (cf. Galvão, 1953 & Oberg, 1953).

A Reclusão é uma instituição muito importante das comunidades Alto Xinguanas, visto que é ela quem confere o status de emancipado, adulto ou mesmo de “ser homem” aos indivíduos. Aqueles jovens que não passam por esta fase, ou seja, “que não ficam preso”, segundo os padrões nativo, carregam para sempre um pesado estigma e, num certo sentido, são discriminados pelos seus pares, pois são apontados como pessoas de poucos conhecimentos sobre as tradições nativas.

No entanto, embora sendo uma instituição com muito poder, a reclusão não segue um ritmo certo e

preciso, ela as vezes é flexível, podendo ser interrompida e retomada a qualquer momento, até que os familiares do recluso julguem conveniente. Parece haver uma tendência muito forte para que a reclusão seja um processo contínuo, mas nem sempre ocorre desta forma, uma vez que os jovens reclusos, conforme as necessidades, são requisitados para as tarefas familiares, como o cultivo de roças, pescarias, caçadas, etc. Ela é recomendada sempre e num certo sentido é obrigatória a todo jovem.

Dependendo da linhagem paterna ou da posição cerimonial dos familiares dos jovens reclusos, este momento ritualístico assume características especiais. Ou seja, se este jovem possuir tradição xamanística, se for filho de pajé ou de algum chefe importante da aldeia, a Reclusão Pubertária é mais carregada de significados, assumindo mais valor simbólico e com isto, terá uma duração mais prolongada. Ela serve para que o jovem recluso receba um treinamento mais adequado, para as funções que irá desempenhar, uma vez que a tendência natural ou a tradição, é que o rapaz acompanhe seu pai nas atividades socio-políticas da aldeia, a qual no futuro será administrada sob seu comando.

Em suma, é no período da Reclusão Pubertária, que os jovens são construídos social e ritualisticamente falando, uma vez que o objetivo principal é ser um grande campeão na luta corporal. Para tanto, o jovem treina durante longos períodos com os mestres da aldeia, submetendo-se, principalmente, às restrições de ordem alimentar e sexual.

Huka-Huka, como chamam os Kamayurá a luta corporal, é um esporte largamente difundido no alto Xingu. Sempre que um índio jovem visita uma aldeia estranha, é convidado a lutar. Na aldeia Kamayurá os jovens treinavam quase todas as tardes, preparando-se para a luta com grande apuro de pinturas corporais. As lutas são muito comentadas, e discutidas as possibilidades de cada lutador. (cf. Carvalho, Lima e Galvão, 1949)

MÉTODO

O objeto desta pesquisa foi o estudo da Reclusão Pubertária em jovens submetidos a esse regime na Aldeia Kamayurá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, próximo ao Posto Leonardo Villas-Boas. Em função da breve e rápida estadia na Aldeia, para a coleta de dados, maior ênfase foi dada nas seguintes categorias culturais: normas, prescrições, duração, proibições, período de ingresso e saída da reclusão. Buscamos conhecer como os Kamayurá trabalham esse momento na vida dos jovens, já que a puberdade constitui-se como uma época de transformações importantes na vida das pessoas. Neste trabalho serão enfatizadas as informações originais dos índios, para a análise do conteúdo.

A RECLUSÃO PUBERTÁRIA VIVIDA NO XINGU

Como já salientei anteriormente, é através da luta corporal que o indivíduo consegue elevar o seu status, quando passa a ostentar o título de campeão e grande lutador, ganhando prestígio no seu universo social.

No momento das grandes lutas intertribais, o jovem Kamayurá não age apenas em função de suas atribuições categóricas de “jovem”, “iniciado”, mas em função de qualidades de lutador, altamente individualizadas.... Todavia, o sucesso do lutador depende de seu empenho individual por ocasião dos treinos que precedem as grandes lutas e de suas qualidades pessoais (senso de oportunidade, vigor físico, etc.). A afirmação de lutador se faz em termos do máximo de sua agilidade e força corporal nas lutas intertribais, que constituem formas positivamente sancionadas de violência física. Estas possibilitam ao jovem lutador a ruptura cerimonial do quadro rígido de suas atribuições tribais decorrentes da idade, do parentesco etc., ruptura que, em situações não-rituais, configuraria o seu desprestígio. Essas formas de violência representam, portanto, um meio institucionalizado de suspensão de certas determinações da tradição tribal, através do qual o jovem Kamayurá obtém uma consagração ritual momentânea como representante único de sua tribo. (*Viertler, 1969*)

Durante o período da Reclusão Pubertária, a presença dos familiares em torno do jovem recluso é decisiva, deveras muito importante, visto que são os mais velhos que irão auxiliá-lo rumo a grande conquista, qual seja, a de ser um grande campeão, coincidindo com o tipo ideal tão almejado pelos xinguanos. Este tipo ideal é forjado durante o processo da reclusão pubertária, com a administração dos eméticos, a escarificação e os treinamentos da luta. Por isso o manejo e o domínio desse conhecimento, é importantíssimo para atingir os objetivos propostos. No sentido de ressaltar o valor desse conhecimento, vou relatar alguns depoimentos coletados durante a pesquisa de campo, o que evidencia claramente a nossa observação.

Quem vê isso é meu pai, quando eu era rapaz novo. Meu pai marca, meu pai sabe né! Ai meu pai falou pra mim, agora você vai preso. Quem sabe é só com o pai, para ficar preso. Dai o pai leva o filho tirar remédio para tomar, ai depois o menino já fica preso. Dai o outro (menino recluso) entra, é o pai que sabe o tempo que vai ficar preso. Ai o outro (pai) também leva o filho pegar remédio para tomar, para ficar preso. Ai o pai falou você tem que ficar preso, pra você ficar forte, você tem que treinar mais, senão você fica fraco, você tem que ficar forte para lutar. Essas coisas ai você tem que aprender essas coisas, aí o pai prendeu ele. Antigamente também era assim, para ensinar ele para lutar, o pai e o vovô dele também ensina ele. (Takumã)

É o pai delas que sabem pra ficar presa. A mulher, é a mãe que vai conversar com ela pra ela poder sair. (Juca)

A vovó dela deu remédio, raiz para ela beber né. A raiz chama, essa (a raiz) eu não sei o nome não, é meu pai que sabe o nome. Os velhos tão sabendo isso né, e falam, bom tá na hora de ficar preso, de tomar remédio, pra ficar forte né. Pra crescer né, pra virar homem. Porque meu pai era lutador, por isso ele marcou pra eu lutar né! Meu pai era muito lutador, por isso meu irmão ficou campeão maior do que eu né! Você vê, o chefe daqui sabe tudo, porque ficou bastante preso. Chefe daqui é campeão mesmo, sabe tudo porque ficou bastante preso. (Karuanã). Quando ele (o recluso) vai sair, eu que sabe para vai sair, eu que sabe. (Texto no original com tradução simultânea do Kamayurá para o Português, por Karuanã). O pai dele mandou que ele ficasse cinco anos preso. Dai o pai dele vai saber a hora de sair. É a mãe que vai saber arrumar namorada pra ele casar. (Pari).

O filho ficou preso porque queira namorar. Então a mãe dele não quer que ele namore cedo. Por isso ela mandou ele ficar preso. É tá começando agora a aprender artesanato. Quem ensinou ele foi o tio dele. Agora eu não vou mandar sair não. (Avó de Aywa). (Texto no original em Kamayurá, com tradução simultânea para o Português, por Karuanã).

Por isso que eu mandei preso aqui oito anos, eu mandei preso. Até no final, até no fim né, eu posso mandar sair. Era os avós dele que antigamente era tudo campeão, tudo forte lutador, por isso eu mandei preso esse meu filho, para ensinar esse aí (o filho), para conseguir a luta. Nesse ano eu ainda vou dar raiz para ele. (Piraruê)

Um dos pontos centrais da reclusão, é a construção da pessoa, do indivíduo, através da elaboração de um tipo ideal, a de lutador e grande campeão. Os índios entram para a Reclusão para ficarem fortes. É importante treinar todos os dias a luta corporal, bem como escarificar constantemente, para enrijecer a pele e fortalecer os músculos.

Tem que ficar forte, tem que treinar também, para ficar campeão, ele tem que arranhar. É, arranha bastante para ficar forte. Você tem que lutar. Você não pode perder, você tem que ficar campeão. O seu vovô era campeão. Eu fui um pouquinho, mas meu pai foi grande campeão. Todos os avós foram todos campeão. (Takumã).

É a mãe dela que arranha ela sempre. (Juca)

Eu arranhei todo dia, eu lutei todo dia. Porque meu pai também era lutador, por isso ele marcou para eu

lutar. Meu pai era muito lutador, por isso meu irmão ficou campeão maior do que eu né! Campeão maior do mundo! Esse meu irmão ai, ele é campeão. (Karuanã)

Então ele ficou preso até agora, para ficar forte né, para conseguir ser lutador também. (Avó de Aywa).Eu queria conseguir um filho lutador. Era os avós dele, antigamente, os avós dele eram todos campeões, tudo lutador forte. Por isso, eu mandei ficar preso esse meu filho, para ensinar ele a lutar, para conseguir ser lutador. Se ele não quer casar, daí então eu vou segurar ele, meu filho, para ser um lutador. (Piraruê).Ele pode se preparar mais ainda para ver se ele fica lutador. O pessoal aqui está em preparação para isso, para ser lutador. Então ele vai se preparar para poder ficar lutador né! Eu aqui fico conversando com meu filho, fico explicando para eles aprenderem bem a luta, para ser grande lutador, campeão mesmo. É tem que pensar muito na luta. Tem gente que só pensa na luta. Tem que passar muito remédio, para ele ficar campeão. (Kotok).

Ficar preso é bom para crescer um pouco, para ficar forte um pouco também. Para ficar igual uma pessoa campeão. Eu vou arrancar ele também, para ele ficar forte. Tem raiz para arranhadeira também né, para ficar forte, com pele grossa né! (Tawaraku).

A instauração do tipo ideal Kamayurá acontece através da intervenção constante e intensa no material humano, no sentido de construir a pessoa e o indivíduo, a sua personalidade, que vai sendo transformada no silêncio do gabinete de reclusão, escondido dos olhos das outras pessoas da aldeia. Isto porque este momento de transformação, constitui-se como uma época de vergonha, devendo, portanto, o indivíduo resguardar-se dos olhares alheios. É através do aprendizado, que terá lugar no decorrer da reclusão, que os jovens aprendem a fazer objetos materiais, tais como: o pente, o cocar de penas, o banco, etc. Por outro lado, aprendem a comportar-se como um autêntico Kamayurá, aprendendo os elementos principais da sua cultura, e tudo enfim, que possibilite o seu desenvolvimento em plenitude.

É basicamente durante a reclusão pubertária, que o jovem indígena é iniciado nos ritos e técnicas da luta corporal, buscando atingir a categoria de lutador e campeão, o que dará acesso a posições de destaque no sistema hierárquico de poder, decisões e nas atividades cerimoniais. No Alto Xingu, ser lutador e campeão, confere muito prestígio ao cidadão portador destes títulos, podendo mesmo ser algo decisivo, quando da sucessão da chefia grupal. Nesta ocasião as lideranças do grupo observam atentamente o binômio força física e força moral (maturidade social), pois o sucesso na luta evidencia a observância

adequada por parte dos lutadores, das restrições, prescrições e abstenções, relativas ao sexo e à alimentação. Visto que esta relação está vinculada à observância dos pressupostos básicos da reclusão.

Outro aspecto importante do ciclo pubertário são os eméticos (raízes, remédios, ervas e folhas),

parte vital do processo pubertário, uma vez que age diretamente na construção do corpo, ligando de forma simbólica os fluídos corporais (sêmen, sangue, etc.) à natureza, através de *Muaruiaup* “o dono da raiz (do remédio)”. Nesta época em especial, os jovens reclusos ficam vulneráveis às forças sobrenaturais, ocasião em que os seus familiares devem protegê-los das influências maléficas do espírito do remédio.

Com relação ao complexo alimentar, na época da reclusão, este é alterado sensivelmente. Depois da fase dos remédios, o preso, só pode alimentar-se de peixe cozido, mingauzinho de mandioca e beiju, sem sal e nem pimenta (Galvão, 1953). Carne de caça não pode ser ingerida, exceto pássaros, que depois da fase dos remédios também podem servir de alimento (Samain, 1991).

Quem está preso ele come peixe cozido. Não pode comer pimenta, sal e nem caldo de mandioca. Ele toma só desse mingauzinho, esse beiju, peixe cozido. Carne ele não pode comer, caça também não pode comer. Só depois que ficar preso, daí ele pode comer tudo. (Takumã).

A mulher fica sem comer nada quando tem a primeira menstruação, e quando toma raiz pela primeira vez. Ai a mulher fica um mês sem comer peixe. Um mês ainda na primeira menstruação ela fica sem comer peixe mas, na segunda menstruação só fica cinco ou seis dias sem comer peixe, isso depende de cada mulher. Ou, até quando acaba o fluxo de sangue. O menino é assim, quando toma raiz já fica preso. Toma raiz durante cinco dias, normalmente, ficando sem comer nada, nem mingau. Toma raiz direto e vomita, durante o dia todo. Depois que acabou a raiz daí pode comer peixe, beiju e mingau, sem sal e nem pimenta. (Kotok).

A menina depois que menstruou, descansou e depois começou a tomar raiz e vomitar bastante. Ficou sem comer nada neste tempo. No começo não comeu nada, mas depois eu posso procurar um pássaro para ela comer. No começo não pode comer peixe. Mas um pássaro, um Jacu, um Mutum ou uma Pomba, depois do remédio ela pode comer. Não pode comer pimenta, nem sal e nem perereba também. O menino, depois do remédio, pode comer peixe sem pimenta, sem sal e nem perereba. Só peixe sem sal ainda. O beiju pode e o mingauzinho de mandioca também, mas só depois que já tomou raiz. (Tawaraku).

Em resumo, o tipo ideal xinguano é esculpido durante o processo da reclusão pubertária, onde os valores culturais são inculcados nos jovens através de abstinência de ordem alimentar e sexual, num jogo em que alterna-se o “proibido e o permitido”, característica peculiar dos grupos indígenas daquela porção

distante do Brasil Central. Assim, para ser campeão, o jovem deve dedicar-se muito aos treinamentos da luta corporal, devendo, por outro lado, ser paciente para encarar o jogo restritivo do ciclo pubertário. Este momento constitui-se como uma época de aprendizado – prático, motor e psicológico, para construção da pessoa e do indivíduo, buscando a perfeição no tipo ideal Kamayrá. No caso masculino, este tipo ideal encarna a figura de lutador e grande campeão, no caso feminino, a figura ideal é a da mulher como base da estrutura familiar, tendo como perspectiva a procriação.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, P. *Kwarup, festa dos mortos: índios Kamayurá. Alto Xingu*. EDUSP, 1974
- CARVALHO, J. C. M. et all. “*Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu*”. In: Publ. Avulsas, Museu Nacional, nº 5, Rio de Janeiro, 1949.
- COELHO, V. P. (Org.) Karl von den Steinen: *Um Século de Antropologia no Xingu. Edusp*. São Paulo, 1973.
- GALVÃO, E. “*Apontamentos sobre os índios Kamayurá*”. In: CARVALHO, J. C. M. et all. “*Observações Zoológicas e Antropológicas na região dos formadores do Xingu*”. Publ. Avulsas do Museu Nacional, nº 5: 31-48, Rio de Janeiro, 1949..
- _____. “*Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu*”. In: Boletim do Museu Nacional, N.S., Antropologia nº 14: 22-35, Rio de Janeiro, 1953.
- _____. *Encontro de Sociedades. Índios e brancos no Brasil*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- JUNQUEIRA, C. *Os índios de Ipawu. Um estudo sobre a vida do grupo Kamayurá*. Ática Ed., São Paulo, 1975.
- LEA, V. R. *Parque Indígena do Xingu: laudo antropológico*. Campinas, Unicamp, IFCH. Vols. I e II, 1997.
- BERG, K. *Indian tribes Northern Matto Grosso Brazil with Appendix anthropometry of the Umotina, Nambicuarana and Iranxe, with comparative data from other Northern Matto Grosso tribes by Matto Grosso*. Nweman, Washington (Smithsonian Inst.), 1953.
- RIBEIRO, B. G. *Diário do Xingu. Rio de Janeiro: Paz e Terra*. (Col. Est. brasileiros; v. 42), 1979
- SAMAIN, E. *Moroneta Kamayurá. Ed. Lidador*, Rio de Janeiro, 1991.
- TAVARES, S. C. *A Reclusão Pubertária no Kamayurá de Ipawu*. Um enfoque biocultural. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas - S.P, 1993.
- VIERTLER, R. B. *Os Kamayurá e o Alto Xingu*. Análise do processo de integração de uma tribo numa área de aculturação intertribal. São Paulo, (Inst. de Estudos Brasileiros/USP), 1969.

Sérgio Corrêa Tavares

Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Referência do artigo:

ABNT

TAVARES, C. S. O campeão: um protótipo do tipo ideal xinguano. *Conexões*, v. 0, n. 4, p. 44-54, 2000.

APA

Tavares, C. S. (2000). O campeão: um protótipo do tipo ideal xinguano. *Conexões*, 0(4), 45-54.

VANCOUVER

Tavares CS, O campeão: um protótipo do tipo ideal xinguano. *Conexões*, 2000; 0(4): 44-54.